

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MASCULINIDADE TÓXICA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS METÁFORAS DE ACUSAÇÃO

Diego Calmon

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9982>

Submetido em: 2024-10-17

Postado em: 2024-10-21 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Maria Claudia Coelho (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3885-5429>)

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MASCULINIDADE TÓXICA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS METÁFORAS DE ACUSAÇÃO

Diego Calmon

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8766-4691>

diegocalmon22@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ,
Brasil.

RESUMO: Em 2018, o termo “tóxico” foi eleito a palavra do ano pelo dicionário Oxford. O título auferido representou, naquele momento, a relevância do interesse público pela expressão que assimilaria a metáfora da toxicidade a um modelo de comportamento masculino essencialmente prejudicial para as acentuadas relações de gênero no mundo contemporâneo. Este trabalho busca refletir sobre a masculinidade tóxica mediante a conceptualização de Gilberto Velho acerca das categorias de acusação, buscando entrelaçar o caráter simbólico e político das metáforas que acionam significados diversos sobre a desordem e o contágio.

Palavras-chave: masculinidade, tóxico, acusação, metáfora, desordem.

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF TOXIC MASCULINITY: AN INVESTIGATION INTO ACCUSATORY METAPHORS

Summary: In 2018, the term “toxic” was voted word of the year by the Oxford Dictionary. At the time, this title represented the relevance of public interest in the expression that would assimilate the metaphor of toxicity to a model of male behavior that is essentially harmful to the accentuated gender relations in the contemporary world. This work seeks to reflect on toxic masculinity through Gilberto Velho's conceptualization of the categories of accusation, seeking to intertwine the symbolic and political character of metaphors that trigger different meanings about disorder and contagion.

Keywords: masculinity, toxic, accusation, metaphor, disorder.

INTRODUÇÃO

Ao se buscar pela palavra “tóxico” em um dicionário de língua portuguesa, pode-se encontrar os respectivos significados ajustados por signos que, ao serem combinados linearmente em uma sentença, possibilitam o trabalho de significação de “tóxico”: a) “Que encerra veneno” ou “Que causa efeitos nocivos”. Nesses dois casos, a busca pelo significado foi guiada por duas cadeias sintagmáticas, onde os respectivos signos, como já dito, estão dispostos linearmente. Há mais: o dicionário também propõe palavras únicas para servir de sinônimos possíveis à palavra “tóxico”: “veneno”, por exemplo. Aqui, o intercâmbio de palavras é orientado pelo plano paradigmático, baseando-se em relações de semelhanças. Segundo o linguista Jakobson (2007, p. 39), todo signo implicaria dois modos de

arranjos: por um lado, há a operação por combinação de signos e que poria em atividade as relações de contiguidade, essencialmente metonímicas; por outro lado, há a operação de seleção de termos alternativos guiada pelo princípio da semelhança, essencialmente metafórico.

A etimologia da palavra “tóxico” indica que a sua possível origem grega esteja relacionada ao veneno que os soldados utilizavam em suas respectivas flechas. Na língua portuguesa, tal como falada no Brasil, “tóxico” também pode ser utilizado para se referir às substâncias químicas que produzem efeitos nocivos para o corpo humano ou para o meio ambiente. No Brasil, “tóxico” também pode ser utilizado como um outro nome para “drogas”. A palavra encontraria solo, então, no âmbito dos estudos toxicológicos, adentrando também os assuntos policiais que fazem referências às substâncias ilícitas apreendidas. Até este momento, o signo tóxico é utilizado para se referir às substâncias, aos elementos químicos que causam prejuízos à vida de forma geral. Ao se referir aos comportamentos, às ideias, à própria masculinidade, à positividade ou à maternidade, os discursos que acionam o signo da toxicidade estariam utilizando o recurso metafórico ao estabelecer relações de semelhanças entre domínios distintos da experiência humana. Os corpos, as ideias, os comportamentos, a pessoa e a masculinidade transformam-se em entidades que “encerram veneno”. Segundo Lakoff e Johnson (2004, p. 194), as “metáforas novas” põem em jogo um conjunto de experiências pelas quais os indivíduos selecionam certos aspectos da realidade observada, o amor ou a obra de arte, por exemplo, e definem uma semelhança estrutural entre a gama de experiências possíveis. Por esse ponto de vista, poder-se-ia argumentar que a atividade cognitiva que pressupõe os discursos sobre a masculinidade tóxica colocaria em evidência certas experiências específicas de homens, ao passo que aludiriam ao domínio do conhecimento relativo à ação das substâncias venenosas.

Segundo Velho (2012), em sociedades complexas, nas quais a realidade social é entendida como um processo constante de negociação por diferentes atores sociais, os sistemas de acusações possuiriam como finalidade a função de delimitar fronteiras e buscar ratificar uma ordem moral preexistente. Os sistemas de acusação seriam estratégias mais ou menos conscientes “de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras” (VELHO, 2012, p. 59). As categorias de acusação também se referem à capacidade contagiosa de identidades, comportamentos ou estilos de vida que comumente divergem de perspectivas dominantes da ordem social geral. Uma vez reconhecida como divergente, o alvo de acusação deve passar por processos de “exorcização” que se encontram amparados por um saber institucionalizado. As acusações de desvio estariam implicadas em “padronizações particulares dos aspectos afetivos e emocionais”, o que revelaria a dimensão moral de

certas categorias de acusação. No entanto, o trabalho do cientista social, ao investigar os processos acusatórios, seria o de ultrapassar a mera “denúncia moral” das acusações, para então poder acessar as “razões políticas” que suscitam a manifestação da indignação.

Este trabalho propõe pensar as dimensões simbólicas e morais de construção de acusações que buscam engendrar a masculinidade pelo signo da toxicidade. Procura-se refletir sobre o emprego metafórico e suas reverberações simbólicas na construção de categorias de acusações, buscando descrever as suas propriedades formais e os contextos sobre os quais as metáforas são mobilizadas.

1 - AS METÁFORAS DE ACUSAÇÃO

No dia oito de março de 2024, aproximadamente quatro meses antes de anunciar a desistência da disputa eleitoral para a presidência dos Estados Unidos, Joe Biden comenta acerca da situação dos imigrantes para seus interlocutores congressistas, presentes para a realização do discurso do Estado da União. Ele diz: “Não vou demonizar os imigrantes dizendo que são veneno no sangue do nosso país. Não separarei famílias. Não proibirei pessoas por causa da sua fé, ao contrário do meu antecessor” (BIDEN *apud* TORTELLA, 2024)¹. Biden estava se referindo a uma fala de seu atual adversário político à presidência americana, o ex-presidente republicano Donald Trump. Articulando-se a partir de um tom “Le boniano” ao discursar e fletar com sentimentos que poderiam facilmente versar entre o desprezo e medo das multidões, Trump comenta em um comício realizado em 2023 no estado da Nova Hampshire: “Eles deixaram – acho que o número real é de 15, 16 milhões de pessoas em nosso país. Quando eles fazem isso, nós temos muito trabalho a fazer. Eles estão envenenando o sangue do nosso país” (TRUMP *apud* GIBSON, 2023)². Sobre imigrantes ilegais, Trump também comenta: “(...) envenenam hospitais psiquiátricos e prisões em todo o mundo. Não apenas na América do Sul, não apenas nos três ou quatro países em que pensamos, mas em todo o mundo”. (TRUMP *apud* GIBSON, 2023, tradução livre). Segundo a matéria de Ginger Gibson à NBC NEWS, Trump também teria repetido o uso do termo “envenenar” em uma rede social ao afirmar que: “A imigração ilegal está envenenando o sangue da nossa nação. Eles estão vindo de prisões, de instituições mentais – de todo o mundo” (TRUMP *apud* GIBSON, 2023, tradução livre). A fala de Trump foi rapidamente associada pelos democratas ao livro de Adolf Hitler, o seu manifesto “Mein Kampf”, por acionar

¹ Link: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/biden-diz-que-nao-vai-demonizar-imigrantes-mas-pede-acao-contracrise-na-fronteira/> (acessado em 02/09/2024).

² Link: <https://www.nbcnews.com/politics/2024-election/trump-says-immigrants-are-poisoning-blood-country-biden-campaign-rcna130141> (acessado em 02/09/2024)

ideias relativas à “contaminação” e ao “envenenamento” de uma nação a partir de um agente externo, uma alteridade concebida como sendo potencialmente perigosa e ameaçadora para a ordem social. Em um outro comício, realizado em South Bronx, Nova Iorque, no dia 23 de maio de 2024, Trump se refere aos imigrantes como sendo um “exército” que pretende atacar os Estados Unidos “por dentro” (TRUMP *apud* COSTER, LAYNE, 2024)³. O ex-presidente também acusou os imigrantes ilegais de fomentarem a incidência de crimes no país.

O recurso ao campo metafórico relaciona idiomas diversos e podem variar entre as metáforas que provêm de termos que normalmente são designados ao grande campo das ciências médicas (toxicologia, microbiologia ou epidemiologia como se verá adiante). No discurso político, elas buscam estrategicamente sintetizar ideias relativas à manutenção de uma propensa ordem que se encontra em vias de desintegração pelo acesso indevido de uma força externa. O psicólogo social, Gustave Le Bon, em seu livro *Psicologia das Multidões* (LE BON, 2018) refere-se ao poder destrutivo das multidões como sendo comparável à ação de “micróbios” que fomentam a destruição de corpos debilitados: “quando o edifício de uma civilização está carcomido, as multidões levam-no ao desmoronamento” (LE BON, 2018, p. 23). Publicado no final do século XIX, o livro de Le Bon deixa transparecer uma mente inquietada pelas convulsões - para utilizar um termo do próprio autor - de um período histórico imbuído de embates políticos, econômicos e intelectuais. As multidões seriam impulsivas, irritadiças e instáveis. Elas seriam incapazes de raciocinar livremente, de se comprometerem com a lógica de um espírito crítico cujo raciocínio seria o avesso das atitudes apaixonadas, e tomadas pelo mais alto grau de emotividade e impulsividade. No entanto, como comenta Consolim (2018), ao adotar uma perspectiva elitista sobre as camadas populares europeias, o autor teria realizado uma leitura depreciativa das lutas trabalhistas de sua época. Na introdução de sua obra, Le Bon argumenta que as atualizadas reivindicações das multidões levariam à destruição da sociedade, conduzindo-a para um tipo de “comunismo primitivo” (LE BON, 2018, p. 21). Tal como presente na alegação de Donald Trump sobre os imigrantes ilegais nos Estados Unidos, onde o recurso metafórico foi acionado a partir de categorias toxicológicas, a metáfora acionada por Le Bon deixa transparecer o medo da destruição da ordem ocasionada por elementos que se multiplicam e ocasionam o mal, tal como os nefastos micróbios presentes no organismo humano.

³ Link: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-diz-que-imigrantes-ilegais-formam-exercito-para-atacar-norte-americanos/> (acessado em 02/09/2024).

Se nos exemplos retirados dos discursos de Trump e do livro de Gustave Le Bon as percepções políticas e morais dos autores foram engendradas metaforicamente por signos provenientes das ciências médicas; na investigação de Susan Sontag (2007), pode-se perceber um movimento contrário, pois a experiência patológica é apreendida a partir do emprego metafórico de signos provenientes do idioma da guerra. Segundo Sontag (2007), o emprego de termos derivados do campo militar produziu efeitos maléficos para a experiência do indivíduo adoecido e contribuiu para a estigmatização de certas doenças.

Ideias que relacionam o campo das ciências médicas a fenômenos sociais mais amplos, como à guerra ou ao combate, também podem ser encontrados nas metáforas que acompanham a onerosa experiência de acometimento patológico em nossa sociedade. Susan Sontag buscou investigar o lado negativo de algumas metáforas acionadas para descrever o câncer, a tuberculose e a Aids, e identificou certas implicações nefastas promovidas pelas analogias morais que circunscrevem a experiência subjetiva e corporal do adoecido. O câncer é vivenciado nos termos de uma “invasão cruel” e “secreta” perpetrada por um “invasor invencível e maligno” (SONTAG, 2007, p. 12-13). As fantasias populares sobre o câncer poriam em cena certas ideias relacionadas ao crescimento anormal, descontrolado e letal de um agente que age internamente no corpo humano. No caso da tuberculose, a vítima é “exaurida” e “consumida”; em relação ao câncer, ela é “invadida” por “células alienígenas” que, ao se multiplicarem, acabam por atrofiar ou bloquear as funções corporais normais do indivíduo (SONTAG, 2007). As metáforas que circunscrevem a experiência do câncer são espaciais e topográficas: diz-se que o câncer se “espalha” e se “prolifera” no corpo humano e os tumores são “extirpados” pelo médico-cirurgião. A linguagem empregada para descrever a experiência patológica também é a da guerra: as células cancerígenas atacam e invadem o organismo, debilitando a sua defesa e se proliferando para outros lugares do corpo; a radioterapia, por sua vez, bombardeia o corpo humano com raios tóxicos, e a química utilizada na quimioterapia busca matar e eliminar as células cancerosas. Algo parecido pôde ser dito sobre a AIDS. Para Sontag (2007), a genealogia metafórica da AIDS é dupla: por um lado ela compartilha com o câncer a prerrogativa imagética de uma invasão; por outro lado, em relação à transmissão do HIV, invocam-se metáforas sobre poluição – neste caso, a atenção recai sobre a troca de fluídos corporais ou de objetos contaminados.

As doenças infecciosas, em especial aquelas relacionadas às práticas sexuais, normalmente são apreendidas por um medo radical do contágio pela população e fantasias absurdas podem surgir sobre a versatilidade da contaminação. Sontag nos fala, por exemplo, sobre a troca de modelos de portas

com maçanetas para a do tipo vaivém em navios da marinha, ocasionada pelo medo da transmissão da sífilis. As metáforas põem em cena relações gerais do tipo poluído-poluentes e, ao serem agrupadas em narrativas sobre a sua expansão, recriam-se circuitos, nem sempre verdadeiros, sobre a contaminação geral. Nesse sentido, a AIDS foi metaforicamente apreendida como uma “peste”, encarada como doença e como condenação moral.

A crise da AIDS, no entanto, põe em cena a distinção entre “transmissores potenciais”, normalmente grupos de pessoas que já são socialmente estigmatizadas, e a “população em geral”. Os pacientes que contraíram o vírus são culpabilizados, os seus comportamentos são percebidos como antinaturais ou desviantes, e o estigma que age sobre a sua identidade é endossado. A peste, metáfora regular para se referir às calamidades públicas, tais como as mazelas coletivas e as pandemias que afligem a uma gama de comunidades, é comumente acionada para se referir à AIDS (SONTAG, 2007). As doenças coletivas são facilmente tratadas como um tipo de castigo, ideia contida no próprio uso do termo “peste”. O “grupo de risco”, comenta Sontag, é uma “categoria burocrática, aparentemente neutra, que também ressuscita a ideia arcaica de uma comunidade poluída para qual a doença representa uma condenação (SONTAG, 2007, p. 114).

A partir da década de 80 do século XX, a identidade bissexual ocupou um lugar estratégico na produção de discursos sobre as práticas sexuais de risco e a angústia do contágio no cenário ocidental (CALMON, 2023). A construção de circuitos de contágios alocou a bissexualidade em um lugar intermediário entre distintas populações. O homem bissexual, em especial, foi acusado de servir-se como um vetor de contaminação, criando um elo entre os homens gays e as mulheres⁴. O homem bissexual, enquanto protótipo ideal de um modelo binário de classificação, passou a ser representado pelo imaginário social como uma espécie de *trickster* (CALMON, 2023), ou como comenta Garber (1995), ele passou a ser retratado como um “vampiro” ou um “agente secreto” pela cultura popular. De alguma maneira, estamos nos referindo à uma classe de metáforas que carrega consigo um campo semântico específico, contendo ideias relativas à contaminação, à poluição, ao envenenamento e à intoxicação. Elas sintetizam ideias sobre a proliferação, refere-se ao crescimento desordenado e possibilidade de criação de circuitos de afetações causais. No âmbito da pesquisa sobre a identidade bissexual, as construções discursivas investigadas, um material que versava entre discursos científicos,

⁴ Segundo o sociólogo John Gagnon (2006): “Com a eclosão da epidemia da AIDS, os homens bissexuais que vinham mantendo relações sexuais com outros homens foram rapidamente identificados como uma ponte potencial de infecção a partir da comunidade gay” (GAGNON, 2006, p. 285). No entanto, acrescenta Gagnon: “não se sabe ao certo por que as pesquisas sobre a transmissão por bissexuais foram tão esporádicas” (GAGNON, 2006, p. 285).

mediáticos e de narrativas oriundas das entrevistas com jovens aniversários, pode perceber a tecitura de circuitos de contágio que alocavam a bissexualidade no intermédio de diferentes populações, sendo então associada aos vetores de transmissão. Acontece que, a partir do complexo simbólico ao qual a bissexualidade se encontrava enredada, situada em um espaço social ambíguo, creditava-se a ela a carga simbólica dos perigos iminentes às fronteiras e aos interstícios, realizando o trânsito, normalmente indesejável, dos rastros de uma alteridade incompatível, e percebida como perigosa, mediante a interlocução entre as identidades distintas.

Pode-se argumentar que o uso metafórico de certos signos possibilita a construção de ideias relativas à transferência de danos e à possibilidade de criação narrativa de efeitos de similaridade e de contiguidade no interior de um mesmo contexto enunciativo. Se, por um lado, busca-se tecer elos significativos entre fenômenos diversos, ajuntando-os em grupos passíveis de reconhecimento público, por outro, evidencia-se a capacidade disruptiva ao qual se dispõem as compreensões sobre o objeto apreendido por tais metáforas. Os imigrantes que, no discurso político de Trump, agem tal como um exército de inimigos que “invadem” e “envenenam” populações indefesas; são as multidões que agem como “micróbios” destruindo os pilares da sociedade, segundo Le Bon; o corpo do paciente que é “invadido”, como em um campo de batalha, e a doença que se “espalha”, “invade”, “agride” o território orgânico do ser humano. O homem bissexual que, sendo apreendido enquanto “vampiro” ou “agente secreto”, age misteriosamente e cria caminhos possíveis de propagação de malefícios para diferentes populações. Há decerto um tom implicitamente acusatório em tais enunciados, em outros exemplos a acusação se faz perceber como autoevidente. As categorias de acusações, segundo Gilberto Velho (2012), operam delimitando fronteiras e mediando relações de poder entre distintos atores sociais. Ao acusar, o indivíduo ou o grupo assimilariam uma clivagem entre segmentos sociais ao estabelecer critérios específicos de diferenciação, os quais são, em muitos casos, modelos estigmatizantes.

No âmbito das metáforas de acusação, e de maneira geral, de todo sistema de denominações injuriosas, a percepção de que uma acusação está em curso é motivada, em princípio, pela instituição de elementos contrastantes que juntos acabam por articular, recriar ou reforçar ideias sobre ameaças iminentes e perigos propínquos. A ação metafórica não busca apenas engendrar os contornos semânticos possíveis para a apreensão de um objeto, mas, quando acionada por alguma atividade discursiva acusatória, ela opera estrategicamente ao acionar um sem fim de pares de opostos – muitos são tributários aos sistemas de classificações culturais basilares, como por exemplo os pares dentro/fora, acima/abaixo ou, de forma mais elaborada, entre o sagrado e o profano - os quais

passam a ser organizados estrategicamente por narrativas e discursos imbuídos de moralidades diversas. A partir do momento em que Trump concebe os imigrantes ilegais como sendo invasores nos Estados Unidos, ele põe em cena um conjunto de pares contrastantes que versariam entre o papel da vítima e do algoz, do habitante e do estrangeiro, do cidadão e do forasteiro – antinomias presentes na conceitualização de um grupo de estabelecidos e de outsiders. Quando afirma que os imigrantes possuem a capacidade de envenenar, Trump aciona pares de opostos mais ofensivos ao sugerir certas concepções acerca do normal e do patológico, do contaminante e do contaminado, do veneno e do possível antídoto.

Na próxima seção, proponho descrever as características gerais da construção discursiva da masculinidade mediante alguns pares de oposição selecionados tacitamente para a exposição do tema. O primeiro par de opostos está relacionada com a divisão sociológica de grupos sociais entre o “nós” e o “eles” o que ajudará a construir um panorama geral sobre quem acusa e sobre quem é acusado. No segundo conjunto de antinomias, proponho pensar ideais relacionadas a uma masculinidade “saudável” e uma masculinidade “tóxica”; no terceiro par de opostos, ideias relacionadas ao estatuto da ordem e da desordem serão analisadas.

2 – “NÓS” E “ELES”: A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DA MASCULINIDADE TÓXICA

Como em todo contexto a partir do qual uma acusação é proferida, a primeira divisão que surge aos olhos do analista é a relação existente entre o indivíduo que acusa e aquele ao qual se dirige a acusação. Nesse sentido, um bom caminho para se pensar a relação nós-eles no campo de estudos sobre a masculinidade tóxica, seria descrever a trajetória de sua construção discursiva, identificando atores e seus respectivos objetos de análise.

O termo “masculinidade tóxica” tem sua origem no movimento dos homens mitopoéticos durante a década de 80 e foi cunhado por um de seus membros, o Shepherd Bliss, para se referir a um tipo de relação autoritária entre pai e filho. Bliss se baseou na própria relação com o seu pai ao buscar definir um tipo de “masculinidade militarizada e autoritária” como sendo potencialmente tóxica (HARRINGTON, 2020, p. 3). O uso de uma terminologia médica não é em vão. Segundo Bliss, a escolha da palavra “tóxico”, seguindo um paradigma médico, foi motivada por sua crença pessoal de que, como toda e qualquer doença, a masculinidade tóxica também teria um antídoto para combatê-la (HARRINGTON, 2020, p. 3). A relação entre a construção do termo e o contexto histórico do movimento mitopoético é simbólica, pois traduziria um modelo de pensamento que circunscrevia as

ambições pessoais e os projetos reflexivos do grupo. O principal objetivo era encorajar os homens a explorar as suas emoções mediante a narração de mitos e contos de fadas e, de alguma maneira, buscava incentivá-los a suplantar as barreiras que inibiam a expressão de suas emoções. Orientada pela teoria psicológica de Jung, os mitopoéticos buscavam associar os arquétipos junguianos com as “energias psíquicas masculinas” mediante a narrativas dos mitos. No entanto, como analisa Rotundi (2020, p. 24), ainda que o movimento mitopoético tenha falhado em desafiar ou minar o modelo patriarcal de sociedade, ele possibilitou a reflexão sobre as ideias difundidas acerca da masculinidade, dando ensejo a novos debates sobre o tema.

Durante a década de 90, e até os anos 2000, o termo “masculinidade tóxica” adentrou a literatura de autoajuda, assim como pôde ser percebido em trabalhos acadêmicos e políticos. De acordo com Harrington (2020), os temas surgidos neste período também estavam centrados na relação entre o pai e o filho, mas, dessa vez, a literatura se concentrou em analisar as condições de produção de homens tóxicos. A partir do ano 2013, as feministas passaram a utilizar o termo “masculinidade tóxica” para caracterizar um conjunto de discursos percebidos como misóginos, homofóbicos e que incentivavam a violência masculina. O uso da masculinidade tóxica por estudiosas feministas aumentou na medida em que o termo se popularizou e ganhou maior visibilidade. Desde 2016, a masculinidade tóxica foi empregada em um número notável de histórias presentes nas mídias e redes sociais que abordavam temas diversos como as eleições americanas, o ex-presidente Donald Trump e o movimento #Metoo. Esta nova perspectiva estava direcionada à elite branca norte-americana e contrastava com os usos passados, onde a estigmatização recaía sobre os homens das camadas mais pobres da sociedade.

Em relação aos podcasts investigados, a relação entre “nós” e “eles” adquiriu novas classificações sobre os atores sociais envolvidos no debate do sobre a masculinidade tóxica. O anfitrião do canal de podcasts Homem sem Tabu, Thiago Oliveira é palestrante, humorista, Tedx speaker e roteirista. Já no podcast Porta Aberta, apresentado pelo diretor de cinema Luca Romano e pela atriz Priscilla Olyva, a entrevistada foi a drag queen Rita Von Hunty, performada pelo ator, comediante, youtuber e palestrante, Guilherme Pereira. No período em que participou do podcast Porta Aberta, Rita também trabalhava com cursos sobre “formação política” chamado O curso revolucionário da Rita Von Hunty. Em relação ao podcast Zencast⁵, o convidado foi Fabio Manzoli, palestrante e administrador, mas que, em 2014, realizou uma transição profissional e passou a trabalhar com a

⁵ Zencast é o podcast da startup Zenklub que atua como um marketplace e busca conectar pacientes com profissionais da psicologia.

realização de workshops sobre inteligência emocional para homens. Fabio também é autor do livro *Masculinidade saudável: uma nova forma de ser homem* (MANZOLI, 2024). Estamos no universo de pessoas engajadas sobre os debates de gênero, inseridas em atividades grupais, orientadas pela busca da transformação pessoal, do bem-estar e, no caso de Rita Von Hunty, do conhecimento político a partir de conteúdos das ciências humanas.

Até este momento, nomeamos os autores dos discursos sobre a masculinidade tóxica. Agora o foco de análise se deterá sobre os próprios discursos presentes na gravação dos podcasts. De que maneira a dicotomia “nós” e “eles” surge inserida em relatos sobre a definição e exemplificação da masculinidade tóxica? Em primeiro lugar, a própria busca por definição da masculinidade tóxica é tributária à dualidade masculino e feminino. O homem tóxico foi descrito como sendo alguém avesso aos comportamentos comumente associados à feminilidade. No podcast do canal *Introvertendo – autismo por autista* (2019), o participante Tiago Abreu expôs a sua percepção sobre a masculinidade tóxica:

Tiago Abreu: Eu acho que a masculinidade tóxica é, de certa forma, uma rejeição a qualquer elemento feminino, então qualquer tipo de comportamento feito por homens, por pessoas que se identificam com gênero masculino, que seja associado ao feminino é imensamente rejeitado e visto como forma negativa, uma forma inferior, como se qualquer tipo de comportamento tido como feminino, ou seja, diretamente relacionado a mulheres fosse inferior a qualquer questão masculina. (ABREU, 2019, 4min10s - 4min37s)

Rita Von Hunty, no podcast *Porta Aberta* (2019), sugere buscar a definição de masculinidade no dicionário:

Rita Von Hunty: E se a gente realmente tivesse disposto a falar “Beleza, eu não sei o que é masculinidade”. Não tenho a mínima ideia”, e a gente procurasse no dicionário Michaelis, a gente ia se encontrar em um caminho sem volta. Por que é o seguinte, a primeira definição que o dicionário dá à masculinidade é: “a masculinidade é o atributo do masculino ou másculo”, ou seja, eu ainda não sei o que é (risos). Eu continuaria: másculo é a característica própria do homem vigoroso e viril. Viril é o adjetivo relativo do próprio homem; varão, varonil. Varonil é corajoso, destemido, homem”. Então eu começo falando que a masculinidade é uma coisa do homem e o homem é uma coisa masculina e eu não chego a lugar nenhum. O que define ser homem? Se o homem é corajoso, destemido e vigoroso... e ele é masculino, qual é o oposto de homem? Mulher. Qual é o oposto de masculino? Feminino. Então se o homem é corajoso, vigoroso e destemido, a mulher é fraca, debilóide e covarde? E assim que a gente conseguir entender que não é, a gente entendeu que a masculinidade não existe. O Pitágoras tem a seguinte frase: existe um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um outro princípio no mundo, que é mau, e criou o caos, as trevas e a mulher. Esse é um dos pais da filosofia (HUNTY, 2019, 06min34s-07min50s).

No podcast *Homem Sem Tabu* (2023), Thiago Oliveira também comenta sobre um comportamento que seria entendido como problemático. Em sua observação, surge também a figura do “homossexual” como sendo contrária à masculinidade de homens tóxicos:

Thiago Oliveira: Esse lance todo de ouvir coisas desde pequeno de que homem não chora (...) na verdade, além de você deixar o cara mal por “N” motivos, ele não entende que ele pode expressar sentimentos e emoções. Aí, você compara com ser mulherzinha, como se a mulher fosse algo menor, entende? Ou “viadinho”. Então o cara é misógino e homofóbico na mesma fala. (OLIVEIRA, 31min39s – 32min09s).

Os comentários apresentam o quadro de referência que orienta os esquemas mentais e o conjunto das práticas de homens que poderiam ser definidas como tóxicas. Os meninos, inseridos em processos de socialização cuja operacionalização se realiza mediante os critérios culturais de oposição entre a masculinidade e a feminilidade, seriam instruídos a exercer, no universo das experiências pessoais que animam a sua vida social, o mesmo julgamento criterioso que separa o que deve ser entendido como um comportamento propriamente masculino ou feminino. Segundo Bourdieu (2014, p.43), a operacionalização da diferenciação buscaria:

(...) destacar, em cada agente, homem ou mulher, os signos exteriores mais imediatamente conformes à definição social de sua distinção sexual, ou a estimular as práticas que convêm ao seu sexo, proibindo ou desencorajando as condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo (BOURDIEU, 2014, p. 43)

Este esquema de interpretação e divisão do mundo seriam estruturas históricas que estariam presentes em diferentes campos e espaços sociais, organizando-os por oposições tais como “forte/fraco”, “grande/pequeno”, “pesado/leve” ou “tenso/solto”. Por conseguinte, tais esquemas manteriam uma relação de homologia com a distinção social e histórica entre a definição de masculino e de feminino: dominante e dominado, acima e abaixo, ativo e passivo. Para Bourdieu (2014, p. 145), tais oposições inscritas na estrutura social forneceria um suporte “a estruturas cognitivas, taxionomias práticas, muitas vezes registradas em sistemas de adjetivos, que permitem produzir julgamentos éticos, estéticos, cognitivos” (BOURDIEU, 2014, p. 145). Debater sobre as relações de gênero e a sexualidade é, de alguma maneira, uma forma de se acessar ou acionar certos elementos que são comportados por esquemas de classificação que ordenam a realidade social. A tessitura argumentativa, em parte consciente e inconsciente, visa apreender relações, reavaliar os critérios de análise construir outros discursos a partir dos quais os termos esquemáticos são confrontados, sobrepostos ou ratificados.

3 - SAUDÁVEL E TÓXICO

A relação entre um tipo de masculinidade “patológica” e outra saudável é o ponto de partida da construção histórica da expressão “masculinidade tóxica” na década de 80. Proveniente do

movimento dos homens mitopoéticos, o termo apreende metaforicamente uma concepção de masculinidade descrita a partir de um paradigma médico – tal como uma doença, a “toxicidade” dos homens poderiam ser combatidos com a aplicação de um antídoto. Na descrição de Shepherd Bliss, o termo propunha identificar certos modelos de autoridade paterna descritas como sendo autoritárias e militarizadas. Aqui, confluem-se ideias sobre os paradigmas militares e médicos, onde o antídoto assumiria o papel de combatente que age contra o componente patológico. O conhecimento sobre o berço da expressão “masculinidade tóxica”, cunhada a partir de um movimento terapêutico de homens, já traz consigo a possibilidade metafórica de se apreender a construção discursiva de um modelo de masculinidade que intoxica e, por isso, deve ser combatida. A percepção sobre os malefícios de certos comportamentos do homem é apreendida por metáforas médicas e suas implicações subjacentes ao paradigma saudável e patológico reverberou, até os dias atuais, em diferentes discursos produzidos sobre a masculinidade tóxica.

A finalidade terapêutica, propõe em certa medida, ajudar homens a se livrar da masculinidade tóxica e pode ser percebida em diferentes relatos de pessoas que se propuseram a pensá-la. A masculinidade tóxica adoece. Essa é uma percepção compartilhada por todos os materiais analisados nessa pesquisa. No podcast “Masculinidade saudável e masculinidade tóxica” (2022), do canal Zencast, como o próprio título sugere, a dicotomia entre o tóxico e o prejudicial se contrapõe a uma ideia masculinidade saudável. O episódio teve como convidado entrevistado o palestrante Fabio Manzoli. Na descrição do episódio, que pode ser encontrado em formato audiovisual no Youtube, Manzoli é apresentado como um homem que fez parte do mundo corporativo e que, em 2014, teria realizado uma transição profissional. Passou a realizar workshops sobre inteligência emocional para homens com foco na construção da masculinidade saudável. A entrevista exibida pelo Zencast apresenta um conjunto de relatos pessoais de Manzoli. Ele fala de diversos problemas que teria vivenciado antes de realizar a sua transição profissional e pela busca por autoconhecimento e terapias holísticas. Alguns problemas narrados são relacionados ao uso de drogas, outros associados ao estresse, ao sentimento de inadequação e ao encobertamento dos problemas internos. Em um determinado a apresentadora e entrevistadora Izabella Camargo pergunta a Fábio sobre os motivos que levariam os homens a se tornarem tóxicos. Fabio responde:

Fábio: Quando eu faço as minhas palestras ou quando eu dou os retiros e cursos, eu falo: “Eu não tenho culpa da forma como eu fui criado”. Na minha infância, quando eu tinha três, quatro anos... Sim eu fui uma vítima do que o meu pai fez comigo. (...) A palavra que você usou “autorresponsabilidade”, eu tenho que chamar para ir atrás de ajuda. Porque o meu pai já fez o que ele sabia, o que ele podia, foi o que ele fez. Ele não vai resolver as minhas questões. E aí tem que ser eu. De falar: “Cara, é isso. Eu preciso de ajuda e vou atrás de ajuda. E a masculinidade tóxica, é importante lembrar, que a gente não

nasce tóxico. Teve algum momento na minha vida em que eu era muito explosivo, Izabella, em relacionamento amoroso. Muito explosivo, especialmente, com ex-namoradas, mas também com as minhas irmãs, com a minha mãe. (...) Até esse momento eu achava que eu era assim. “Não tem o que fazer”. E aí teve um momento que me veio: “Cara, eu não nasci explosivo. Se eu não nasci explosivo, alguma coisa aconteceu que fez eu me tornar um homem explosivo. Mas se alguma coisa aconteceu e me fez virar um homem explosivo eu posso conseguir resolver. Por que eu não sou assim. E aí foi isso né...foi autoconhecimento. Aí eu comecei a lembrar do meu pai na minha infância me mandando engolir o choro, com três anos de idade, segurando um chicote de cavalo e me ameaçando me bater. Enfim. O que é que acontece com muitos homens e que realmente destruiu a minha vida. E hoje estou aqui, 40 anos depois. Sigo ainda com efeitos dessas noites que meu pai me ameaçava me bater com esse chicote. Acho que não vou me esquecer dessa cena jamais. Mas é possível mudar. Para os homens que nos ouvem, é possível mudar. (MANZOLI, 2022, 12min40s – 14min41s).

O relato de Fabio Manzoli põe em evidência a relação entre um pai e o seu filho. A lembrança de ser ameaçado com chicote por seu pai, uma medida drástica e com o intuito de inibir seu choro, pode ser correlacionado à ideia pioneira do movimento de homens mitopoéticos sobre a masculinidade militarizada e autoritária, um modelo de autoridade que poderia ser concebida como tóxica. As metáforas médicas, nesse caso, não apenas possuem um teor acusativo, encarnada na figura do “pai tóxico”, mas buscam, também, alavancar debates e saídas possíveis para o bem-estar e à saúde mental dos homens que sofreram algum grau de violência ao longo de sua experiência familiar desde a tenra idade. Um ponto que chama a atenção no relato de Fábio é a correlação entre a atitude paterna e o seu comportamento posteriormente adquirido. O comportamento explosivo cria uma conexão entre ambos. Em seu discurso, esta conexão possui o efeito de criar similaridades com o seu pai. Fabio também se torna tóxico. Podemos, então, verificar que o homem aprende a ser tóxico, adquire um ethos específico de acordo com a sua criação familiar e, sem seguida, ele age no mundo como um homem tóxico. Essa ideia de um circuito de transferência da “toxicidade” do homem está presente em muitos relatos pessoais e, no caso de Fabio, a busca por terapia holística e de autoconhecimento acabou sendo um ponto de clivagem no contínuo de deslocamentos da masculinidade tóxica entre gerações.

Alguns autores e pesquisadores que se debruçaram sobre o tema da masculinidade tóxica alertam para os perigos de se pensar o termo a partir de uma terminologia médica. Andrea Waling, em seu artigo “Problematising ‘Toxic’ and ‘Healthy’ Masculinity for Addressing Gender Inequalities” (WALING, 2019), argumenta que o termo é tributário de uma dicotomia que simbolizaria ideias sobre corpos doentes em oposição aos corpos saudáveis e pressuporia a ação de um componente tóxico que afetaria tanto o homem como o seu ambiente. Esta maneira de organizar o problema, tornando a masculinidade tóxica uma condição a-histórica, pode favorecer ideias de masculinidade concebida

como uma doença pré-existente que assolaria a todos os homens, o que os isentaria de responsabilidade por atos violentos.

Em um artigo publicado no jornal on-line britânico *The Independent*⁶ (ZIZEK, 2019), o filósofo Slavoj Zizek questiona a definição de masculinidade tóxica proposta pela American Psychological Association. Segundo Zizek a definição seria: “reprimir emoções e mascarar a angústia; falta de vontade de procurar ajuda; propensão a correr riscos, mesmo que isso envolva o perigo de prejudicar a si mesmo”. O filósofo argumenta que tais características tenderiam a patologizar certos comportamentos que em nossa sociedade são vistos como decorrentes de uma atitude heróica. Ele cita, como exemplo, a personagem Antígona que ao buscar enterrar seu irmão Polinice acaba por desafiar as ordens de seu tio e então rei, colocando em risco a própria vida. Neste caso, argumenta Zizek, sua atitude não se encaixaria nas características propostas pela APA para definir a masculinidade tóxica? Nas palavras de Zizek:

Ela definitivamente reprimiu suas emoções e mascarou sua angústia, não estava disposta a procurar ajuda, assumiu um risco que envolvia grande perigo de dano a si mesma. Em nossa era de conformismo politicamente correto, tal postura representa um perigo. (ZIZEK, 2019).

O que Zizek e Waling estão propondo discutir seria o risco ocasionado pela utilização de um idioma oriundo do vocabulário médico para se pensar a própria masculinidade. No artigo de Waling (2019), o problema estaria incutido na associação de ideias entre doença e a masculinidade, o que poderia ocasionar a legitimação de comportamentos violentos dos homens. Em relação ao artigo de Zizek, a acionamento de metáforas médicas estaria a cargo da patologização de certos comportamentos que poderiam ser encontrados também em histórias sobre as atitudes heroicas de mulheres. A masculinidade tóxica, pensada como metáfora de acusação, poderia produzir efeitos diversos e contrários ao ideal de transformação dos homens tal como proposta pelo movimento mitopoético. Como veremos na próxima seção, os riscos de se considerar a masculinidade como tóxica pode produzir efeitos inesperados e integrar programas e projetos políticos que estigmatizariam homens marginalizados ou em situação de vulnerabilidade.

4 - ORDEM E DESORDEM

Segundo Harrington (2020), a abordagem dos psicólogos a partir da década de 90 encarou a masculinidade tóxica como uma norma cultural capaz de ser “curável” mediante um modelo de

⁶ Link: <https://www.independent.co.uk/voices/toxic-masculinity-paedophilia-homeland-gillette-heroism-slavoj-zizek-a8773096.html> (acessado em 09/09/2024).

vínculo paterno, postulando uma noção essencialista do desenvolvimento das emoções dos homens (HARRINGTON, 2020, p. 3). O argumento principal presumia que a relação emocionalmente distante entre um pai e seu filho seria o principal motivo da produção de homens “tóxicos”. É desta forma que o tema foi abordado pelo terapeuta familiar Frank Pittman na obra *Man Enough: fathers, sons, and the Search for masculinity* (PITTMAN apud HARRINGTON, 2020), em 1993, ao argumentar que os homens que crescem na ausência de uma paternidade adequada tenderiam a buscar imagens culturais irreais de masculinidade. Estes homens sentiriam uma necessidade constante de provar a sua masculinidade aos demais. Este argumento também foi seguido pelo terapeuta familiar Steve Biddulph ao argumentar que os meninos precisariam de um vínculo forte com o seu pai ou o seu mentor para que não se tornassem “tóxicos”. Essa ideia postulou que os filhos necessitariam de um tipo certo de masculinidade que não poderia ser encontrada no vínculo materno.

Esta ideia perdurou também no discurso político da virada do século. Foi o argumento utilizado por Don Eberly no Comitê Judiciário da Câmara dos EUA sobre cultura e violência juvenil. Motivado pelos eventos de Columbine, Eberly cita Pittman ao argumentar que a paternidade seria o antídoto para a masculinidade tóxica. Eberly também argumentou em seu livro *Renewing the Sacred Vocation of Fathering*, de 1999, que os pais que permanecem emocionalmente ausentes na vida de seus filhos contribuiriam para a violência dos mais jovens e que, possivelmente, este teria sido um dos fatores que desencadeou os eventos em Columbine. A masculinidade bem amadurecida tem como efeito direto a transformação da agressividade dos jovens para atividades socialmente valorizadas. Para Eberly, conclui Harrington, quando os jovens recorrem à violência, é bem provável que eles tenham crescido ao lado de mães solteiras ou de pais emotivamente distantes (HARRINGTON, 2020, p. 4).

Segundo Harrington, esta abordagem sobre a paternidade como um antídoto à masculinidade tóxica estava alinhada às recomendações sobre a vida familiar heteronormativa. E tendo como cenário a era de globalização neoliberal. Para a autora, este diagnóstico popularizado ao longo do século forneceu um discurso poderoso para se pensar a violência masculina em um cenário de intensas modificações sociais. Se por um lado o setor de serviço, percebido como um tipo de ocupação profissional feminina, obteve um crescimento significativo na divisão ocupacional da população, aqueles setores percebidos como típicas ocupações masculinas, em especial no campo industrial, foram minadas. Diante deste novo cenário, organizações internacionais influentes como a OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, passaram a incentivar o ingresso de mulheres no mercado de trabalho e ideias de paternidade compartilhada com o intuito de promover

o aumento da renda familiar. Questões sobre a paternidade e a masculinidade tóxica ressurgem neste ambiente de transformações sociais. Harrington destaca, por exemplo, um artigo de política familiar irlandês que incentivava a presença dos pais na criação dos filhos para que a “selvageria” dos homens fosse domada e, conseqüentemente, pudessem se ajustar à “disciplina das rotinas domésticas”, ao permanecerem ao lado de seus filhos e de suas respectivas parceiras em casa (HARRINGTON, 2020, p. 4). Um argumento próximo a este também foi encontrado no programa “Thriving Families”, nos Estados Unidos, para pais de baixa renda. O programa defendia o casamento heterossexual e a presença dos pais na criação dos filhos, cuja relação seria pensada como um processo contínuo de influência familiar capaz de “civilizar” estes homens.

Harrington percebeu que o rótulo “masculinidade tóxica” recaía constantemente sobre homens já marginalizados, associando-os a uma essência perigosa, agressiva e criminoso. Esta perspectiva sobre a masculinidade tóxica estava alinhada a projetos políticos conservadores que viam os homens de baixa renda como naturalmente problemáticos à ordem social e viam no incentivo ao casamento e à paternidade um antídoto para o controle desta parte da população. Neste momento de desenvolvimento do termo “masculinidade tóxica”, invocou-se amiúde as ideias sobre disposições “naturais” dos homens, corroborando com uma visão essencialista sobre a masculinidade. Neste mesmo período, Harrington também aponta para uma contradição dos usos do termo. Por um lado, críticos como Eberly passaram a perceber o termo como parte de um programa feminista que possuía uma diretriz misândrica e anti-masculina. Por outro lado, os principais proponentes do termo eram representantes do conservadorismo americano que buscavam “reformatar” os homens marginalizados e estigmatizados. Como pensar, então, as acusações e as dinâmicas sociais de estigmatização?

Na pesquisa realizada por Elias e Scotson, em Wiston Parva, a produção social do estigma estava ancorado sobre um conjunto de relações sociais e estruturais entre dois grupos de moradores: os antigos que formavam um grupo coeso e possuíam as melhores posições laborais e administrativas da região e um outro grupo descrito como potencialmente “anômico”, com menor coesão e poder. No discurso do ex-presidente Donald Trump, o nós e o eles podem facilmente assumir a dicotomia entre o cidadão e o invasor ou o compatriota e o forasteiro. A doença, aquele outro misterioso que invade o território sagrado do corpo é facilmente concebido como um exército inimigo penetrando as fronteiras de uma sociedade indefesa. O que proponho sublinhar, seguindo a análise sociológica de Elias e Scotson (2000), é a relação existente entre a identidade pessoal e a “imagem do nós” são necessariamente complementares. Nesse sentido, vale ressaltar o papel fundamental do social no interior de concepções

como “identidade pessoal” e “imagem do eu”. Essa percepção notadamente sociológica ajuda a substituir as ideias relacionadas a um indivíduo isolado e autodeterminante por uma concepção de indivíduo constituído, marcado e atravessado pelo social. O discurso de Donald Trump faz mais do que expor uma simples opinião ou fantasia pessoal, ele confere unidade a um posicionamento grupal específico ao cerrar fileiras a um outro grupo de indivíduos que são apreendidos como outsiders e não gozam dos mesmos direitos e posições sociais dos cidadãos americanos. Estabelece-se, então, as próprias unidades distintivas postas em cena para a construção de identidades contrastantes, pois um “nós” dificilmente existiria sem a construção conceitual de um “eles”, uma alteridade generalizada, histórica e socialmente instituída.

Como sugere Nobert Elias e John Scotson (2000), a partir de investigações sociológicas situadas em comunidades nas quais se estabelece relações do tipo “estabelecidos” e “outsiders”, pode-se perceber diferentes dimensões da “sociodinâmica da estigmatização” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 23). Em Wiston Parva, comunidade pesquisada pelos sociólogos, um grupo coeso de antigos residentes cerravam fileiras contra um outro grupo de residentes mais novos, cuja coesão e acesso ao poder era inferior, ou quase nulo, em relação aos primeiros moradores. Ao cerrar fileiras com os outsiders, o grupo de antigos residentes conseguiam manter a superioridade e o seu estilo de vida comum enquanto grupo coeso. O contato com os outsiders era evitado, os grupos estabelecidos tinham medo da “contaminação pela anomia e pela sujeira, misturada numa só coisa” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 29)⁷.

O termo “estigma”, criado pelos gregos para se referir a um grupo de sinais imposto sobre o corpo de um indivíduo para permitir a identificação de escravos e criminosos, é um signo poderoso. Ele pode se referir tanto às deformidades corporais, às “culpas de caráter individual” ou ao aos aspectos nacionais, raciais ou religioso (GOFFMAN, 2012). Analisando os contextos a partir dos quais se erigem as metáforas de guerra ou médicas, a dimensão moral é facilmente ratificada pelo teor metafórico de acusações que abordam a esfera corporal, geográfica e, principalmente, realizam associações de ideias que correlacionam grupos de indivíduos às ideias de desordem e de desequilíbrio.

Sabe-se, tomando como suporte teórico os estudos de Mary Douglas (2014), que a ideia de sujeira está intimamente relacionada à desordem e que as práticas de purificação são meios possíveis

⁷ Em páginas anteriores, Elias e Scotson falam em “medo da poluição” e “infecção anômica” para se referir ao receio sentido pelos estabelecidos de manter contato com os outsiders, o que poderia ocasionar a quebra da fronteira simbólica que separava os dois grupos.

restaurar, ordenar e fortalecer a ordem e a estrutura social. Ideias sobre a poluição e a moral podem se articular e quem realiza uma determinada transgressão específica, espera-se que seja punido. Na cultura Nuer, investigada pela autora, diz-se que a punição é impessoal e funcionaria como uma maneira de sustentar o código moral. A transgressão de barreiras sociais pode ser considerada como sendo uma poluição perigosa e o “poluidor” se tornaria objeto de rejeição social. Pode-se perceber que as acusações são tributárias à insituição de gramáticas morais específicas e seriam culturalmente instituídas a partir de sistemas de classificações diversos.

Nos exemplos listados por Harrington (2020), a ideia de “masculinidade tóxica” está muito próxima de uma outra metáfora de acusação conhecida como “semente do mal”. No Brasil, a expressão é utilizada tanto para classificar jovens em situações de vulnerabilidade e estigmatizados quanto as suas próprias mães. Jovens infratores, usuários de drogas e suas respectivas famílias são responsabilizados por problemas mais amplos da ordem pública, como a violência urbana. Assim são chamados os infratores que adentram os centros de internação do Departamento geral de Ações Socioeducativa, o DEGASE, destinado a executar as medidas judiciais impostas aos jovens que estão em conflito com a lei. Segundo Vinuto (2024), é comum encontrar o uso da expressão para se referir aos jovens internados no sistema socioeducativo fluminense, enredando-os em significados diversos que versam entre a impossibilidade de salvação ou sobre as acusações que se detêm sobre a família do jovem – elas são acusadas de causar danos à sociedade. O termo também seria um “elemento de essencialização racial”, pois homogeneiza as identidades de adolescentes e suas mães, reforçando a ideia de que suas características são uniformes e inevitáveis (VINUTO, 2024, p. 129).

A metáfora de acusação “semente do mal” compartilharia com a metáfora da “toxicidade” do homem, quando esta é aplicada àqueles já estigmatizados, um enredo significativo que busca engendrar, a partir de símbolos relacionados à transmissão de danos e à desordem, atores específicos na trama das fronteiras sociais e de suas reverberações políticas, sociais e culturais. A ideia de florescimento do mal é retirada da relação de contiguidade entre a semente e uma árvore. Em seguida, a acusação busca tecer uma rede de implicações políticas ao associar o florescimento do mal com a identidade de jovens. Segundo Douglas (2014, 142), o corpo pode ser pensado como símbolo da sociedade. Por um lado, o corpo pode ser utilizado como modelo à construção de sistemas, criando-se laços de homologias entre as funções e as diferentes partes corporais e as divisões sistêmicas de um campo político ou religioso – outras estruturas complexas. Por outro lado, para se referir ao corpo como símbolo da sociedade, deve-se assumir primeiro que os “perigos e os poderes creditados à estrutura social” sejam “reproduzidos em miniatura no corpo” (DOUGLAS, 2014, p. 142). Como comenta Douglas (DOUGLAS, 2014, p. 150), cada cultura e sociedade possuem problemas e riscos

com os quais as margens do corpo passam a ser apreendidas por crenças que lhe atribuem poderes. Através de seus exemplos sobre a poluição social, a antropóloga explora as diferentes maneiras pelas quais as simbolizações das margens do corpo são pensadas pela ótica dos limites da comunidade. Por esta perspectiva, talvez se possa explicar a eficácia simbólica do uso metafórico em acusações. As metáforas propõem em um só tempo a apreensão simbólica da masculinidade em termos de uma experiência corporal intoxicante e as conjurações morais que circunscrevem os comportamentos e os sentimentos antissociais dos homens. É o quadro geral das relações entre a poluição, a moral e a desordem que a masculinidade tóxica parece pôr em cena sob a forma de contestação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como síntese final deste trabalho, pode-se descrever algumas propriedades formais das metáforas de acusação, termo proposto para identificar o papel incisivo de certas metáforas para a ratificação e a manutenção das “categorias de acusação”, conceito proposto pelo antropólogo Gilberto Velho (1997). Tais metáforas não apenas buscam estabelecer traços significativos entre signos, mas também agem enquanto acusações que separam, classificam e definem certos indivíduos e grupos sociais mediante o emprego de moralidades diversas.

Em primeiro lugar as metáforas de acusação propõem incutir, na apreensão discursiva de um recorte da realidade social, certos efeitos de similaridades provenientes do uso metafórico dos signos. Neste momento, a metáfora pode ser entendida como um processo de significação capaz de gerar efeitos na própria conjuntura dos elos sociais e culturais. Em seu sentido simples, a metáfora pode ser compreendida como uma maneira de “aplicar a uma coisa o nome que é de outra” (ARISTÓTELES, 2008, p. 85), ou tratada como um meio de se realizar “a fusão instantânea de dois domínios de experiência distintos em uma imagem iluminadora, icônica e englobadora” (NISBET apud TURNER, 2017, p 21). Para se compreender os usos possíveis das metáforas de acusação, no entanto, devemos igualmente nos ater aos efeitos tácitos de suas aplicações, ou, em outros termos, sobre os seus efeitos políticos. Para isso, deve-se investigar não apenas os enunciados, mas os contextos sociais sobre os quais as metáforas repousam.

Em segundo lugar, o recurso metafórico empregado deve atuar de tal maneira que a acusação em curso acione ideias relativas às transgressões de fronteiras, ou seja, associa-se a toda sorte de processos simbólicos destinados a descrever ideias relacionadas à poluição, à contaminação, à intoxicação ou à transferência de poderes maléficos entre categorias ou grupos sociais. Neste aspecto,

é interessante notar as possibilidades de reflexões teóricas entre a metáfora e a metonímia proposta por Roman Jakobson (2007). Em seu famoso escrito “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (JAKOBSON, 2007), o linguista russo recorre à dualidade metáfora e metonímia para refletir acerca de processos simbólicos diversos que versam desde o uso normal e patológico da linguagem (partindo da divisão efetuada por Saussure entre o eixo paradigmático e sintagmático) até materiais retirados da psicanálise de Freud sobre os sonhos, em especial a dicotomia entre a contiguidade presente no processo de “transferência” e “condensação”, e a similaridade encontrada na “identificação” e no “simbolismo” dos materiais onírico. Além de oferecer uma classificação de escolas literárias e pictóricas baseada na dicotomia metáfora e metonímia, Jakobson também cita a magia tal como estudada por Frazer. A magia imitativa estaria ancorada no princípio da similaridade e a magia por contágio se debruçaria em relações de contiguidade. Para o estudo dos sistemas de denominações injuriosas e acusativas, tal como proposto por esse trabalho, a reflexão da dicotomia de Jakobson foi fundamental, a medida em que toda metáfora de acusação põe em jogo a construção tácita de efeitos de similaridades que buscam compreender fenômenos sociais amplos e que mobilizam, em grande parte, os circuitos contíguos de afetações, de contágio ou de poluição. Tais efeitos mobilizam símbolos poderosos e se articulam metaforicamente para se exercer algum tipo de classificação social mediante a acusação de desordem.

Por fim, as metáforas de acusação mobilizam categorias contrastantes do tipo pares de opostos. Em primeiro lugar, aquele que acusa ou classifica sempre está impondo um recorte espacial entre um “eu” ou um “nós” e um “eles”, uma alteridade específica. Para se pensar um ataque iminente, antes, deve-se reconhecer que a existência de uma distância, ainda que mínima, entre um “eu” e um “outro” ou um “nós” e um “eles”. Neste momento de análise, encontram-se implicados o contraste entre grupos sociais. As metáforas de acusação, ao mobilizarem características distintivas entre s, agentes e grupos, acabam por acionar um sem fim de antinomias que articulam ideias sobre o saudável e o patológico, o normal e o divergente, o antigo e o novo. São maneiras de apreender simbolicamente certos traços de relações sociais mediante o uso de contrastes significativos. O que está em jogo é o movimento entre fronteiras e as suas possíveis consequências para a vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Edições BestBolso: Rio de Janeiro, 2014.

CALMON, Diego. “Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade”. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 68, p. 1–17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8675051>. Acesso em: 13 set. 2024.

CONSOLIM, Marcia Cristina. *Pósfácio*. In: LE BON, Gustavo. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

ELIAS, Norbet; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GARBER, Marjorie. *Vice Versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HARRINGTON, Carol. “What is “Toxic Masculinity” and Why Does it Matter?” *Men and Masculinities*, 24(2), 345–352, 2020.

JAKOBSON, Roman. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.

LE BON, Gustavo. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MASCULINIDADE saudável. Entrevistado: Fabio Manzoli. Entrevistadora: Izabella Camargo. [S. I.] Zencast, nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11qdcvyyz1w>.

MASCULINIDADE tóxica e machismo com Catharina Conte. Entrevistada: Catharina Conte. Entrevistadores: Thiago Oliveira, Thais Pinto, Juliano Coração. [S. I.]: Homem sem Tabu, set. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2aG6uPPpSOd7noQ0CQJ6pJ>.

MASCULINIDADE tóxica com Rita Von Hunty. Entrevistada: Rita Von Hunty. Entrevistadores: Lucas Romano, Priscilla Olyva. [S. I.] Porta Aberta, nov. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1m6XumUPACutJqpurg3wAg>.

MASCULINIDADE tóxica. Locução: Luca Nolasco, Tiago Abreu. [S. I.] Introvertendo – autismo por autistas, fev. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1D1ENonEtpVMgf0udLoFY1>.

ROTUNDI, Lavinia (A.A. 2019/2020) The issue of toxic masculinity. Tesi di Laurea in Sociology, Luiss Guido Carli, rapporteur Ilaria Pitti, pp. 92. [Bachelor's Degree Thesis].

SONTAG, Susan. Doença como metáfora/ Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

NISBET, Robert A. Social change and history: aspects of the western theory of development. Londres: Oxford University Press, 1969 apud TURNER, Victor. Drama, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Eduff, 2017.

VELHO, Gilberto. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VINUTO, Juliana. “Sementes do mal”: essencialização e agência na sustentação do racismo em unidades socioeducativas do Rio de Janeiro. Tempo social, revista de sociologia da USP, v.36, n.2, p 123- 145, 2024.

WALING, A. (2019, October). “Problematizing 'Toxic' and 'Healthy' Masculinity for Addressing Gender Inequalities”. Australian Feminist Studies, 34(101), 362-375. Melbourne: Routledge. Retrieved from <https://doi.org/10.1080/08164649.2019.1679021>.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO: o presente trabalho é uma apresentação parcial da tese de Diego Calmon, “Masculinidade(s) e afetos: o papel das emoções em narrativas sobre a masculinidade tóxica” (CALMON, 2024), defendida em 2024, para a obtenção do título de doutor em ciências sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONFLITO DE INTERESSE: O Autor declara que não há conflito de interesse a mencionar.

MINIBIOGRAFIA DO AUTOR DO PAPER: Possui graduação (bacharelado), mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.